

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Rua Voluntários da Pátria, 107 - Botafogo

Nº 217/57

Rio de Janeiro, 2 de maio de 1957

Ilmo. Sr.
Prof. Mário Casassanta
Caixa Postal, 2444
Belo Horizonte - Minas Gerais

Prezado Professor:

Com o presente, estou encaminhando a V.Sa. dois exemplares do Relatório sôbre nossas atividades no 1º Trimestre do corrente exercício, o qual apresentamos ao Dr. Anísio S. Teixeira, na qualidade de Diretor-Executivo do C.B.P. E. e consoante, outrossim, o estipulado no Plano de organização do Centro (2.3 item e).

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. os meus protestos de alta estima e consideração.


Péricles Madureira de Pinho
Diretor-Executivo

Nº 189

Rio de Janeiro, 22 de abril de 1957 .

Ilmo. Sr.
Prof. Mário Casassanta
Caixa Postal, 2444
Belo Horizonte

Venho confirmar a carta do Professor Darcy Ribeiro sobre a organização do Curso de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais que funcionara junto ao C.B.P.E. e sobre nossa expectativa de que esta oportunidade de treinamento seja aproveitada pelo pessoal dos Centros Regionais ou por pessoas que se comprometam a trabalhar conosco após os estudos.

Ficou estabelecido que todos os alunos do Curso serão estagiários do Centro onde trabalharão em regime de tempo integral. Para isto assegurou-se aos dez alunos que serão selecionados no Rio, uma bolsa de manutenção de cinco mil cruzeiros mensais.

Os alunos inscritos pelos Centros Regionais deverão trazer seus respectivos salários, no caso do aproveitamento de funcionários, ou contar com uma bolsa de manutenção a ser arbitrada pelo Diretor do Centro Regional, à conta das dotações a ele consignadas.

Atenciosamente,

Anísio S. Teixeira
Instituto Nacional de
Estudos Pedagógicos

Diretor

/cfb.

Nº 186

Rio de Janeiro, 22 de abril de 1957.

Ilmo. Sr.
Prof. Mario Casassanta
Caixa Postal, 2444
Belo Horizonte

Tendo a satisfação de comunicar que se acham abertas as inscrições para o Curso de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais que funcionará junto ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, com o propósito de aproveitar as oportunidades de treinamento com que contamos para formar o quadro de especialistas em pesquisas sociais, e, particularmente em pesquisas sobre os problemas brasileiros de educação, de que necessitam tanto o C.B.P.E. como os Centros Regionais.

O Curso terá a duração de dois anos e compreenderá períodos de estudos e períodos de pesquisas de campo; funcionará em regime de tempo integral, com o caráter de curso de formação profissional, para um grupo de alunos limitado a 15. Dez deles serão selecionados através de provas a realizarem-se no Rio de Janeiro, na primeira semana de maio e todos farão jus a uma bolsa de manutenção de cinco mil cruzeiros mensais. As cinco outras vagas foram reservadas para preenchimento por indicação dos Centros Regionais que deverão custear as respectivas bolsas de manutenção.

Acreditamos que esta seja uma oportunidade de dar ao pessoal que já colabore com os Centros Regionais ou pode ser por eles aproveitados a formação de que necessitam para iniciarem carreiras de pesquisadores sociais. O Curso se recomenda especialmente a pessoas que contem com formação superior ou preparo equivalente.

Esta carta tem o propósito de solicitar a indicação das pessoas que este Centro Regional deseja inscrever no curso, e consulta-lo sobre a conveniência de irmos até aí para proceder a seleção, caso o número de indicados o exija.

Esperamos que este Centro Regional nos faça saber até 5 de maio próximo os nomes das pessoas que aproveitarão esta oportunidade, acompanhados de cartas dos mesmos sobre sua formação educacional e experiências profissionais anteriores.

Às ordens de V.Sa. para outros quaisquer esclareci-
mentos, subscrevo-me atenciosamente,

Curso de Aperfeiçoamento de
Pesquisadores Sociais
Diretor

/cfb.

DISCURSO DO PROF. MÁRIO CASASSANTA

Na sessão solene de instalação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, no dia 4 de fevereiro de 1957.

Considerando com olhos plácidos o panorama da educação nacional, não pode haver um brasileiro de bom senso que profundamente não se aflija, quer pela desproporção entre os nossos esforços e a gravidade do problema, quer pela maneira pouco razoável em que comumente se desenvolvem êsses esforços.

Não fazemos tudo o que deveríamos fazer, e o que fazemos nem sempre obedece a linhas de um plano que assegure eficiência.

Em primeiro lugar, a importância do problema. Haverá por ventura algum que o sobreleve? A preparação de homens capazes foi sempre a marca dos verdadeiros estadistas, porque não há nação que possa encarar, com tranquilidade, o seu futuro, se não cuidar, como deve, de se aparelhar para as lutas inevitáveis que a aguardam no áspero itinerário humano. Essa necessidade de uma preparação idônea sobe de ponto, quando se pondera que êsse povo, como o nosso, transpõe uma fase de excepcional desenvolvimento econômico. O Brasil cresce espantosamente, e a cada hora se observa que as suas instituições e os seus serviços não acompanham o seu crescimento. Como o adolescente, que mal se avém com a roupa, sente a inquietação e o desconforto das estreitezias, nutrindo ideais de uma situação melhor, experimentamos, neste momento, o travo dos desajustes e a agitação de quem quer reajustar-se. Aventam-se soluções, criam-se serviços, buscam-se novos caminhos. Que vantagem, porém, acarretarão tais iniciativas, por mais aconselháveis que sejam, se não dispusermos do material humano necessário? Que valem mais uma instituição, mais um colégio, mais uma faculdade ou uma universidade, se não tivermos professores que lhes imprimam a essência de uma escola? Certas iniciativas, por mais sedutoras que sejam as aparências de que se revistam, não compensam o sacrifício que custam, já que a carência de gente capaz acaba

por inutilizá-las. É preferível, como o velho Brasil, ter apenas dois cursos jurídicos, que nos deram juristas da excelência de um Rui Barbosa, de um Lafaiete ou de um Teixeira de Freitas, a tê-los por tôda parte, sem a fôrça de formar juristas que lhes recp lham a herança, como desgraçadamente está acontecendo.

O que se passa no ensino superior é realmente alarmante, pois é evidente que não é a quantidade de escolas, senão a qualidade delas, que nos pode proporcionar o tipo de homens de que ne cessitamos. O ensino superior supõe, como os elementos da pala vra o estão dizendo, uma atividade superior, a saber, acima das outras, e, por isso mesmo, postula inteligências superiores. Pou co importa que os portadores de inteligências dessa ordem venham desta ou daquela camada social. O essencial é que sejam devidamente e acabadamente aproveitadas, porque a inteligência não nos parece matéria prima tão numerosa e tão vulgar que possamos dar -nos ao luxo de perder uma só.

Dispomos de um sistema de ensino superior não pequeno, e, todavia, milhares de alunos disputam o acesso a êle, como se tanta gente fôsse capaz dêsse tipo de estudo e de cultura. Ensino superior - insistimos - demanda uma alta qualidade de espírito, e, e que é mais, subentende um poder de esforço, de renúncia, de constância e de sacrifício que se nos afiguram mais raros ainda do que os dons de espírito.

Não é de admirar, por isso, que um aparelhamento caro, como é o nosso sistema de ensino superior, não corresponda ao dinheiro que nos custa, visto que, por sua organização, por seu funcionamento, pelo elemento humano que lhe deve dar vida, não tem formado os homens de que carecemos e de que precisamos.

Pelo que toça ao ensino secundário, evidentemente não vamos melhor. Governo e povo, pais e professôres, técnicos e leigos não se satisfazem com o sistema atual. A deficiente formação de professôres, o número de matérias, a sobrecarga dos programas, o diminuto horário escolar, a falta de estudo dirigido que contra balance as deficiências do estudo em casa, o preço dos livros que

não anima o gosto da leitura, de si já escasso, a impossibilidade de se oferecer a todos o ensino público, e, conseqüentemente, a proliferação da indústria particular do ensino, e outros fatores que não vem para aqui especificar, levaram-nos a um estado de balbúrdia e ineficiência que nos estarrece. Os próprios estabelecimentos de ensino a cargo de ordens religiosas, que, pelos altos ideais que os animam, deveriam encarar os problemas com outros olhos, se escampam por vêzes ao mercenarismo dominante, perdem em noção de simpatia humana, devotamento e sacrifício. Se se lhes depara um caso de aluno, já não dizemos difícil, mas com a inquietação natural da idade, apressam-se em afastá-lo, forçando-o, direita ou obliquamente, a uma transferência. Justamente revoltado, desabafava conosco há tempos um preclaro professor e excelente cristão:- Esses colégios não querem aborrecimento, e por isso, só toleram meninos comportados. Não se preocupam com a educação: querem meninos já educados.

Criando as Faculdades de Filosofia, quiseram os nossos homens públicos atacar o cerne do problema, porque os bons professores preencheriam boa parte das lacunas. A medida, porém, não tem produzido os frutos que dela se esperavam. De um lado, as faculdades são poucas, e acrescentemos que nem poderão ser mais numerosas, à falta de professores que as componham. De outro lado, aquelas mesmas que existem nem sempre podem formar bons professores. Ao cabo, achando-se o ensino secundário na sua maioria entregue a particulares, os salários diminutos não são de molde a atrair as melhores vocações.

A decadência é visível, se se coteja com o que produziam os nossos antigos colégios, sem o aparelhamento nem a pompa dos atuais. Não vai aqui saudosismo, mas verdade. Os poucos estabelecimentos, que nos serviam, prepararam homens que viveram superiormente a vida. Onde estudaram um Rui, um Oswaldo Cruz, um Rio Branco, um Joaquim Nabuco ou um Euclides da Cunha? De Lafaiete Rodrigues Ferreira sabemos que aprendeu a sua opulenta latimidade com o vigário de Prados...

Dir-se-á que o quadro não é bem êsse, pois Raul Pompéia

imortalizou, no "O ATENEU", a imagem de um dos melhores colégios do seu tempo, e a sua obra vale por um libelo. Dir-se-á mal. O colégio de Abílio César Borges seria, ainda hoje, um grande colégio, e prouvera a Deus que os tivéssemos da mesma espécie. De resto, não foi o notável escritor um desmentido de sua própria tese? Na verdade, quem, aos dezoito anos, escrevia CANÇÕES SEM METRO, e aos vinte e cinco anos, uma obra tão prima - não tinha absolutamente o direito de censurar a escola e os mestres que o instruíram.

Diante da ineficiência indisfarçável, escusam-se os que cuidam do ensino secundário com lançar a culpa ao ensino primário.

- Os alunos vêm sem base primária...

Aqui devemos articular o nosso alto lá! Da ineficiência geral a única escola que se executa, porque de algum modo tem preenchido os seus objetivos, tem sido sempre a primária. Qual, com efeito, o seu programa? Transmitir as experiências fundamentais da espécie, ensinar um mínimo essencial, dotar o homem dos instrumentos primários de desenvolvimento, que por muito tempo se reduziram a ler, escrever e contar, e isso tem-no ela feito, ontem como hoje, não raro com extraordinária eficiência.

Além disso, cumpre acentuar que a escola primária tem um fim em si e não se destina a preparar alunos para o curso secundário. É a escola de todas as crianças de todo o povo, e, particularmente, a única escola do pobre. Como já se disse e bem, ela "no play favorites". Tentar deformá-la em detrimento do povo para benefício de classes representa uma enormidade que de modo algum se deve admitir.

O mais que se pode fazer será ampliá-la, ou aumentando-lhe os cursos, como avisadamente se cogita no domínio federal, e o preclaro Ministro Clóvis Salgado o tem reiterado, e êsse será o seu maior título de glória, ou primarizando os primeiros anos do curso secundário, sob a imediata e severa inspeção do Governo.

Adapte-se o curso secundário ao primário e não o primário

rio ao secundário - é o que nos parece, nas atuais circunstâncias, mais aconselhável e mais exequível, desde que se tome a cautela de evitar que os industriais do ensino não façam da escola primária o que fizeram da secundária.

O que, mais do que tudo, nos revolta é atribuir-se ao professor primário brasileiro a responsabilidade de uma culpa que de todo em todo não lhe cabe, porque em nenhum outro setor de nossa vida pública se encontrará nunca maior soma de esforço, maior devotamento, mais capacidade de sacrifícios, mais cáldo e ingênuo amor ao Brasil.

Depois de longo afastamento dessa nobre família humana, voltamos a conviver com ela, e, pensando que ela também sofrerá a sorte do declínio geral, experimentamos a surpresa de verificar que as nossas professoras conservam, em boa parte, a alta noção de suas responsabilidades, dando mais horas do que se lhes pedem e praticando um constante esforço de ascensão.

Mais ainda, e, enfim, chegamos ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais.

Encetando os nossos trabalhos há alguns meses, demos preferência ao setor da linguagem, não só porque constituiu a ocupação e a preocupação de uma vida, mas principalmente porque, revestindo-se da maior importância, tem sido dos pontos fracos que ordinariamente se verberam em nossa educação.

Para isso, convocamos as orientadoras do ensino primário da Capital e pedimos-lhes que nos obtivessem dos seus grupos composições de tôdas as séries acêrca de alguns temas comuns.

Era nosso objetivo, que está sendo pacientemente perseguido, determinar quais as palavras de maior uso, qual a evolução da estrutura das orações, quais os erros mais freqüentes.

Reservamo-nos para nós próprios os levantamentos dos erros mais freqüentes, e a nossa surpresa foi tão grande que algumas vezes duvidamos da autenticidade de trabalhos bem autênticos.

Basta assinalar êste fato que pode ser facilmente provado, em razão de fundar-se em documentos: como lecionamos na Universidade e liames contemporaneamente provas de universitários e composições de crianças, pudemos verificar que não foram poucos os casos em que crianças de 10 e 11 anos se equiparavam, se não levavam vantagem, a alunos de cursos superiores.

Que prova isso?

Prova que, falando, lendo e escrevendo bastantemente na escola primária, os alunos adquirem algum domínio da língua, e, em especial, que, deixando de ler e escrever durante o curso secundário, em que por vêzes as únicas composições são as provas de exames, tais alunos, não só não progrediram, mas ainda perderam o que aprenderam. Para se avaliar a pouca ou nenhuma leitura no curso secundário em confronto com o que se lê no primário, não será preciso mais do que entrar numa livraria e comparar a bibliografia nacional destinada às crianças, que é ponderável, com a destinada aos adolescentes, que é quase nula.

Pois bem.

Essa escola primária, que de algum modo tem feito o seu ofício, e isso se deve em boa parte ao fato de ser a escola de um só professor, sem a especialização dos cursos secundários e superior, - essa modesta e profícua escola primária está a merecer da parte de nossos homens públicos mais detida atenção, porque atravessa manifestamente um momento crítico.

A população cresce e, com ela, a população escolar. As dificuldades orçamentárias e uma desarrazoada distribuição de recursos fazem com que não tenhamos escolas públicas suficientes. As conseqüências não podem ser piores. De um lado, há o problema das crianças sem escola primária, o que é imperdoável. De outro lado, precisamente para preencher essa lacuna, esboça-se a tendência da criação de escolas particulares, e isso significa, como já sucede na Capital da República, que começamos a perder uma conquista que havíamos alcançado há muito tempo - a escola única, - que constitui ainda um ideal para grandes povos.

Não negamos a vantagem nem o direito dessas iniciativas particulares, que podem representar até experiências preciosas e renovadoras, mas queremos acentuar o que significa para um povo a existência de uma escola comum, em que desde cedo a criança se acotovele com os seus patrícios de tôdas as procedências sociais e de todos os matizes étnicos.

Limitamo-nos a lembrar um pequeno episódio, em que fomos parte, por volta de 1929, porque dá a medida de uma civilização.

Acompanhávamos uma professora universitária norte-americana numa visita ao Grupo Dom Pedro II, desta capital, quando, entrando numa sala, depois de observar por alguns segundos a classe, ela, com o caderninho de notas em punho, indagou:

- Quais as atividades dos pais dessas crianças?

Apanhamos de pronto o que lhe passava pelo espírito. A classe constava de alunos de tôdas as procedências, de tôdas as situações e de tôdas as côres. Era um genuíno pedaço do Brasil verdadeiro que ali se nos antolhava. Pobres, remediados, ricos, brancos, mulatos e pretos, sadios ou doentes...

Fomos indagando da professora da classe a situação social dos pais e informando a visitante.

- Comerciante.
- Farmacêutico.
- Lavadeira.
- Funcionário.
- Padeiro.
- Secretário das Finanças.

Não continuamos. Puxando-nos pelo braço e levando-nos para a janela, a fim de esconder a emoção, a visitante nos falou baixinho, com os olhos cheios de lágrimas:

- Democracia!

Pois essa escola, que foi e é uma conquista, corre perigo

go no País, se os homens públicos não acudirem por ela, porque, no ritmo em que vamos, pode o ensino particular sobrepujá-la, como acontece na própria Capital Federal.

Muitas e várias as forças que a diminuem, salientando-se a falta de hierarquização das necessidades educacionais. Nunca se gastou tanto nem tão mal com o serviço do ensino. É que se desviam do problema essencial, que é a escola, e, particularmente, a escola primária, recursos para problemas sem dúvida importantes, mas, dentro de nossas condições, secundários.

Pedem-se, por exemplo, cursos pré-primários e um 5º ano primário. Quem poderá contestar a evidente utilidade de tais medidas? O que se deve, porém, primordialmente considerar é se o Estado já cumpre o seu dever número um, que é o de proporcionar escolas suficientes para a população escolar.

Impõe-se-nos, por isso, poupar os nossos recursos, e não espalhá-los, oferecendo em primeiro lugar oportunidades educativas para todos.

A esse problema - claro está - prende-se diretamente a formação de professores, pois o Estado não só deve criar escolas em número suficiente, mas - o que muito importa - escolas boas. Para tanto, deve esmerar-se no treino dos mestres futuros, o que os norte-americanos bem condensam na expressão preservice education: é o nosso ensino normal, cujas deficiências os nossos inspetores regionais de ensino assinalaram unânimeamente durante três semanas de estudos e debates.

Criadas as escolas e bem providas de professores, é necessário um outro tipo de instituições que mantenham em nível elevado de cultura e eficiência o pessoal em exercício, e é o que os norte-americanos chamam in-service training. Tivemos por alguns anos a Escola de Aperfeiçoamento, com esse objetivo, e a sua extinção acarretou consequências lamentáveis. Procurou atenuá-las o Prof. Abgar Renault, em 1947, com os cursos de férias, instituição evidentemente útil, mas incapaz só por si de realizar o trabalho de um serviço permanente.

Essa é a ordem natural das coisas: se se podem enfrentar todos os problemas a um tempo, pré-primário, primário, profissional, anormais, secundário, superior, enfrentem-se, já que todos são necessários. Se não se puder, porém, disponham-se essas necessidades de acordo com a sua importância, pois há necessidades e necessidades.

Essa - convém lembrar - tem sido a lição dos melhores homens públicos de Minas. João Pinheiro, - um universitário - voltou-se quase que exclusivamente para a escola popular. Afonso Pena - um suscitador de valores - criando a Faculdade de Direito, quando Governador do Estado, fêz timbre de lhe dar o cunho de uma instituição privada, preferindo recorrer a uma subscrição pública a onerar os cofres estaduais. E Antônio Carlos, se criou a Universidade de Minas, concedeu-lhe um patrimônio que lhe permitisse viver como instituição particular, e, de qualquer modo, o esforço que desenvolveu para a reorganização de nosso ensino normal e primário, notavelmente cometida a um espírito das singulares dimensões de um Francisco Campos, bem comprova o conceito em que tinha a responsabilidade educacional do Estado.

Essa orientação genuinamente mineira, V. Exa. a tem adotado, Sr. Governador Bias Fortes, com a perfeita compreensão que sempre revelou dos ideais e das necessidades do nosso povo. Bastaria, para medir-lhe os propósitos, a particularidade de haver escolhido para seu Secretário de Educação, o Prof. Aogar Renault: trata-se de um problema que realmente exige um homem ilustre, e esse o é na amplitude do termo. Numa fase como esta, em que os partidos se desdobram em reivindicações, na explicável preocupação de predomínio, o Secretário de Educação, que é leal à sua corrente, como lhe é da índole, mais leal ainda se lhe mostra, não se esquecendo de que há problemas, que não podem ser partidários, e que os da Educação pertencem a essa espécie superior. Essa compreensão honra um Partido.

O interesse que V. Exa. sente e demonstra pela educação pública mais uma vez se testemunha com a sua presença na inauguração do Centro Regional de Pesquisas Educacionais. Podemos dar o nosso depoimento de que tal interesse não surge agora. Há perto

de trinta anos, no governo de Antônio Carlos, de que ambos participávamos, lembra-nos ter-lhe ouvido algumas vezes referir-se à reforma do ensino que se intentava:

- Casassanta, tenho afirmado que é preciso emendar a Constituição mineira, para se determinar que não se reformará o ensino, dentro de certo período, tão importante reputo o que se está fazendo. O preceito constitucional não impedirá que se desmanche o que se faz, mas sempre dificultará um pouco.

Fica-lhe bem essa atitude, caro Governador, e hoje mais do que nunca, porque os Bias devem querer bem a uma comunhão humana, que, por duas vezes, os convocou para presidir aos seus destinos.

Se a escola primária merece a primazia do nosso zelo e de nosso esforço, a ponto de se deverem postergar outros aspectos da questão educacional, úteis nas laterais, - como se explica a instalação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais que ora se efetua, mercê do convênio do Governo de Minas com o Ministério da Educação? Não será esse um daqueles problemas laterais que vínhamos assinalando?

Com a mão na consciência, achamos que não.

Uma escola, que mereça o nome de escola, não pode ser uma imitação, mas uma criação de todos os dias. Não basta para criá-la, que se construam casas, se treinem professores ou se copiem sistemas de ensino. É necessário que se faça sob medida para um dado meio, como a roupa que se talha para um dado corpo. Para isso, impõem-se o estudo da criança, o estudo do meio físico e social em que ela vive, o estudo das exigências sociais atuais e futuras, a elaboração de processos adequados de ensino. Em suma: não se compreende uma boa escola desvinculada do lugar, mas sim a ele presa por muitas raízes. Nesse sentido, não se pode dispensar um contínuo e inteligente esforço de captação de dados e de renovação de métodos. Dos milhares de vocábulos da língua, arracados nos dicionários, que em boa parte são cemitérios de palavras, quais os que merecem preferência na escola? Se se mede com

testes, quase matematicamente, a possibilidade caligráfica de uma criança ou a sua capacidade de cálculo mental, por que teimar em aperfeiçoá-la, mediante exercícios, quando ela já tem alcançado o nível próprio de sua idade e de seu poder? Se é absurdo exigir-se de uma criança o transporte de um peso superior às suas forças, como não será absurdo exigir-se dela uma informação ou uma habilidade superior à sua capacidade? Se é certo que uma pessoa pode decorar mil nomes próprios, que há-de fazer se se lhe pedem cinco mil nomes próprios?

Fazer que a escola explore, interprete e explique um dos meios, para que a criança compreenda e domine esse meio - é o objetivo do Centro de Pesquisas - que Anísio Teixeira, com a sua aguda visão dos nossos problemas e a sua grande paixão de educador, idealizou e vem instalando, com o amparo de homens públicos esclarecidos, como se patentearam no Ministério dois ilustres cidadãos aqui presentes, Professores Abgar Renault e Clóvis Salgado, a cuja devoção a Minas devemos a instalação deste Centro.

Há bem pouco tempo principiamos esse trabalho de raízes, que é, por isso mesmo, lento e obscuro. A experiência tem-nos ensinado muita coisa. Errando aqui, acertando ali, alcançamos já, em várias pesquisas, o verdadeiro rumo que só penosamente costuma manifestar-se.

A par dessas pesquisas, que por enquanto se circunscrevem à linguagem, pretendemos iniciar outras, como a influência da leitura na personalidade e na vida infantil, a ponderação das necessidades sociais para uma reelaboração de programas, a arrecadação das espécies folclóricas em vias de extinção, e nesse caso está, por exemplo, como brincam as crianças mineiras.

Começamos igualmente o Museu de Leitura, mediante o qual visamos a demonstrar como foi trabalhosa a marcha da humanidade na direção de uma solução científica.

Não nos contentaremos, todavia, com esse esforço, preciso sim, mas de efeitos demorados.

Atentos ao programa do Governo do Estado, de quem nos consideramos órgão ao mesmo tempo que do Governo Federal, esforçamo-nos para cooperar com êle, na realização de ideais e objetivos imediatos, e, com êsse propósito, por determinação do Sr. Secretário da Educação, planejamos o primeiro curso especializado de inspeção escolar no País, curso êsse de vantagens incontestáveis, que precisamente hoje estamos encerrando.

Delineamos um programa, que foi aprimorado pela Secretaria da Educação, ajuntamos uma boa bibliografia, convidamos alguns professores de boa vontade que se dispuseram a estudar matéria nova, e o realizamos, com a maior solicitude.

Durante o curso, funcionários da Secretaria da Educação e do Centro de Pesquisas trabalharam ombro a ombro, em pé de igualdade, numa alta expressão de cooperação.

Dentro em breve, outros cursos se sucederão, restaurando-se, assim, o esforço governamental de treino do pessoal em serviço, que já elevou, em dado momento, a nossa cidade à categoria de capital pedagógica do Brasil.

Por sua vez, logo que disponhamos de um instrumento adequado de comunicação, e está por dias, iniciaremos um serviço de informação e de divulgação pedagógica, inclusivamente cursos por correspondência em certos países já constituem peça de administração.

Estudando o nosso meio, examinando as nossas necessidades, buscando elaborar uma escola simples e eficiente, através de investigações de toda sorte, num trabalho de ciência desinteressada, não deixaremos de atentar para as exigências imediatas, e, assim, achamos que estamos interpretando hábilmente o adjetivo regional que qualifica o nosso Centro. Por ser regional, o Centro de Minas diferenciar-se-á necessariamente do Centro da Bahia ou de São Paulo, colorindo-se propositadamente das cores dos gênios do lugar. Genii loci... Ao Centro Nacional, que trabalha sob a notável inspeção de Anísio Teixeira, é que competirá naturalmente a consideração do conjunto.

Com êsse propósito, servir-nos-emos de todos os elementos de que dispusermos, com a absoluta convicção de quem acredita nas virtudes milagrosas da educação.

Outros homens, e bem maiores do que nós, o fizeram, e nada nos ocorre mais sugestivo, para comprovar essa verdade e para fechar estas palavras, do que um pequeno gesto de Benjamin Franklin.

Um ascende núcleo humano, escondido na extensão então despovoada dos Estados Unidos, por volta da revolução da Independência, elegeu para nome o nome de Franklin.

Sensível à homenagem, o patriarca escreveu que desejara mostrar de algum modo o seu aprêço àquela gente amiga, tendo pensado, primeiro, em enviar-lhes um sino para a igreja.

Depois, refletindo melhor, preferiu remeter-lhes alguns pacotes de livros, para início de uma biblioteca, explicando a sua preferência com dizer-lhes que, ao que sabia da índole daquela gente, ela preferia o senso ao som, "sense to sound".

Muitas pessoas leram decerto aqueles livros escolhidos por uma das cabeças mais sensatas que já houve neste mundo.

Um deles foi um filho de pobres lavradores e se chamou Horace Mann: êle datou da leitura daqueles livros o ponto de partida de seu glorioso destino, transformando-se no educador por excelência de sua nação, pois sem a sua obra educativa poderemos de sassombradamente asseverar que o seu povo não teria atingido os altos níveis de civilização que muito cedo atingiu.

Êsse gesto de Franklin parece-nos fácil de compreender e de imitar.

É o que o Centro Regional de Pesquisas Educacionais se propõe fazer em Minas, oportuna e inoportunamente, conforme o conselho do Apóstolo.

/hb.



N.º 16
Assunto
Secretaria
Serviço

M. E. C.
INSTITUTO NACIONAL
DE
ESTUDOS PEDAGÓGICOS
11. FEV 1957
PROTOCOLO
550/957

C. B. P. E.
ENTRADA
11 FEB 57
NB. 115/57

Ao CBPE
11/2/57
M. B. P. E.

Belo Horizonte, 7 de fevereiro de 1957.

Senhor Diretor

Comunicamos a V. Ex^{sa} que inauguramos no dia 3 do corrente, com a presença do Sr. Governador do Estado, do Sr. Ministro da Educação e do Sr. Secretário da Educação, o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas.

A inauguração parece ter sido bem expressiva, porque deu uma imagem concreta de nossas atividades.

II - Coincidiu, com efeito, com o encerramento do Curso de Aperfeiçoamento dos Inspectores Regionais de Ensino, que programamos e levamos a efeito em estreita cooperação com a Secretaria da Educação.

Elaborado o programa, que pensamos ter sido o de um primeiro curso especializado de supervisão de ensino, escolhemos e orientamos um grupo de professores e acompanhamos todo o curso, apenas não tendo assistido a duas aulas.

Tínhamos por principal objetivo interessar um grupo de professores esclarecidos pelo problema, a fim de que, através de encontros durante este ano, possamos formar alguns especialistas.

O resultado, na opinião unânime dos inspetores, alguns dos quais com mais de trinta anos de serviço, foi, porém, de utilidade grande e imediata.

Oportunamente enviaremos relatório circunstanciado.

III - Expusemos no ato da inauguração, um Museu de Leitura em que documentamos a evolução do ensino da leitura desde a fase hieroglífica até hoje.

Nesse sentido, procuramos reconstituir muitos processos, inclusive máquinas, de acôrdo com a lição dos melhores mestres.

A parte pobre refere-se precisamente ao Brasil, e é essa mais uma razão de ser do nosso Centro.

Urge arrecadarmos o nosso velho material, para que fixemos as linhas de nossa própria caminhada.

IV - Pelo que toca a pesquisas, temos três em andamento: determinação das palavras mais úteis e usadas, evolução da estru-



N.º

Assunto
Secretaria
Serviço

-2-

tura da frase das crianças e arrolamento dos erros mais comuns.

Estamos estudando neste momento, e como ensaio de pesquisas de outro gênero, a superstição em nossas escolas e os meios de remediá-la e como brincam as crianças mineiras.

V - Assim que disponhamos de um instrumento barato de impressão, encetaremos um serviço de informação pedagógica e cursos de correspondência.

Valemo-nos do ensejo para expressar a V. Ex^{sa} o nosso aprêço e admiração.

Mário Casasanta

Mário Casasanta

Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais

Exm^o Sr.

Dr. Anísio Teixeira

Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

Nº 28/57

Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1957.

Ilmo. Sr.
Prof. Mário Casassanta
DD. Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais
Caixa Postal, 2444
Belo Horizonte - Minas Gerais

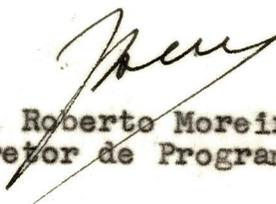
Prezado Prof. Casassanta:

Muito me alegrou seu ofício nº 12, de 21 do corrente, a respeito da visita que o Dr. Edward Fitzpatrick realizou a essa Capital.

Creio mesmo que terá sido êle um dos mais brilhantes educadores estrangeiros que já visitou nosso país e que sua longa, quase quinquagenária experiência educacional nos poderia ser de grande valia, se mais tempo pudesse cooperar conosco.

Agradeço-lhe a recepção que dispensou ao Dr. Fitzpatrick e estimo que êle lhes tenha sido útil e agradável.

Cordialmente,


J. Roberto Moreira
Diretor de Programas

JRM/YS.

Nº 3/57

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1957.

Exmo. Sr.
Dr. Mário Casassanta
Caixa Postal, 2444
Belo Horizonte - Minas Gerais

Prezado Professor

O Dr. Andrew Pearse, da equipe da UNESCO, que está colaborando com o C.B.P.E., vai a Belo Horizonte a fim de colher algumas informações e dados para a elaboração de um projeto de estudo das condições dos pequenos sistemas locais (município, cidade, vila, etc.) de educação.

Peço-lhe toda a cooperação possível ao "desideratum" do Dr. Pearse.

Grato pela atenção que dispensar à presente e ao nosso colaborador, cumprimenta-o,

Atenciosamente, o


J. Roberto Moreira
Diretor de Programas

/YS.

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1956.

Exmo. Sr.
Dr. Mario Casassanta
Caixa Postal, 2 1414
Belo Horizonte - Minas Gerais

Prezado Professor

Aproveitando a oportunidade da visita ao Brasil do eminente educador norte-americano Dr. Edward Fitzpatrick, estamos realizando, nesta sede, um Seminário de Educação sob sua orientação, o que vem despertando interesse entre nossos educadores.

É nosso desejo, como aliás do próprio Dr. Fitzpatrick, ampliar o âmbito de tal seminário, fazendo, para tanto, que educadores de outras unidades federadas dele venham a participar.

O interesse do conferencista é assim o de entrar em contáto com professores de educação, líderes educacionais e demais pessoas que se ocupem de problemas correlatos; daí o seu desejo de realizar, nessa cidade, duas ou tres conferências, em língua inglesa, sobre educação ou filosofia da educação.

Os temas de tais conferências poderão ser escolhidos pelos interessados, bastando, entretanto, que os mesmos nos cheguem ao conhecimento com a urgência que se faz mister, isto é, antes do dia 7 do próximo mês, pois que nesta data o conferencista já pretende estar em S. Paulo, viajando no dia 14 do mesmo mês para essa cidade, onde permanecerá até o dia 18.

A fim de que V.S. melhor possa orientar os interessados na escolha dos temas a serem aí focalizados, estamos enviando, em anexo, cópias, respectivamente, do temário do seminário ora aqui em realização, bem como do "curriculum vitae" do Prof. Fitzpatrick.

Ambos os documentos, por serem amplos e significativos, fornecerão, sem dúvida, ótimo campo para a aludida escolha.

Cabe-me, ainda, esclarecer a V.S. que o tema em foco vem sendo objeto de minucioso desenvolvimento por parte do conferencista, que não se furta, outrossim, ao debate no campo de sua especialidade.

Não dominando o Prof. Fitzpatrick o nosso idioma, solicito a V.S. o maior interesse em proporcionar ao ilustre mestre, desde sua chegada, a maior assistência possível, a fim de que o mesmo possa se desobrigar, com êxito, da tarefa a que se propôs.

Na expectativa de uma resposta que se faz urgente em virtude dos motivos acima alegados, aproveito a oportunidade para apresentar ao prezado professor os protestos de minha estima e consideração



J. Roberto Moreira

Nº 310

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1956.

Ilmo. Sr.
Dr. Mário Casassanta
Diretor do Centro Regional de
Pesquisas Educacionais
Caixa Postal nº 2444
Belo Horizonte - Minas Gerais

Muito agradeço sua comunicação de 30 de agosto p.p., referente à sua designação, pelo Governo do Estado de Minas Gerais, para dirigir o Centro Regional de Pesquisas Educacionais.

Tomando conhecimento das iniciativas já empreendidas por V. S^a quanto ao encaminhamento das primeiras atividades do C.R. de Minas, quero fazer-lhe sentir a satisfação com que recebi sua designação e com que vejo o entusiasmo sadio que V. S^a já dedica aos trabalhos do Centro.

Tenho as maiores esperanças nos educadores de Minas Gerais, certo estou de que eles saberão bem aproveitar a oportunidade que um organismo de estudos e pesquisas pode lhes proporcionar no sentido de bem equacionar e, portanto, bem resolver os problemas educacionais de Minas e do Brasil.

Além do que o Prof. J. Roberto Moreira já lhe enviou, tomo a liberdade de mandar-lhe, com este, mais alguns papéis escritos que poderão ser úteis na organização e orientação do C.R., confiado à sua esclarecida direção.

Renovando meus agradecimentos e congratulações, envio-lhe meu cordial abraço.

Anísio S. Teixeira
Diretor do I.N.E.P.

/YS.



SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

M. 9

N.º 2

Assunto
Secretaria
Serviço



Exm.º Sr. *Dr. Assis Ribeiro* Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

Ao conhecimento do Sr. Assis Ribeiro
3/9/56
mees
Dr. Luciana
em 4/9/56

to prof. Roberto Lucena para preparar a resposta que deve ir acompanhada da maior documentação possível dos planos e trabalhos do C.B.P.E.

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que, designado pelo Governo do Estado de Minas para diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, no dia 11 do corrente, entrei imediatamente em exercício, tomando as providências para a sua devida instalação.

Conforme orientação de V. Ex.ª, entendi-me com o Sr. Diretor do Instituto de Educação que cedeu três salas, que me pareceram o mínimo indispensável para o nosso ponto de partida: numa delas, que dispõe de dois cômodos, ficarão a diretoria e o serviço administrativo, e nas outras duas - aulas, biblioteca, documentação, trabalhos de equipe e individuais.

Providenciei para um razoável aparelhamento dessas salas devendo elas estar preparadas dentro em pouco. Trato também de aproveitar uma Multilith, que permitirá toda sorte de publicações a preço mínimo.

Pelo que toca ao principal objetivo do Centro, escolhi, com o Sr. Secretário da Educação, um grupo de excelentes elementos de nosso meio, para, com a colaboração do Prof. Paulo de Assis Ribeiro, realizar uma pesquisa experimental: o escopo imediato é o treino de homens comprovadamente capazes para o tipo de investigações que nos propomos. Muito lucrará a educação pública, se lograrmos interessar tais elementos na obra de renovação pedagógica.

Participo pessoalmente dessas atividades preparatórias, que vão correndo com êxito, podendo desde já alimentar fundadas esperanças, sem embargo de bem avaliar as dificuldades com que temos de arrostar, em tão complexa realização cultural.

Ao lado dêsse trabalho que, acentúo novamente, se reveste



CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

N.º

Assunto

Secretaria

Serviço

de caráter preparatório, estou em entendimento com professores do Curso de Administração, no sentido de se renovarem ou reverem pesquisas feitas na antiga Escola de Aperfeiçoamento, notadamente nos campos da linguagem e da aritmética. Com o Professor Aires da Mata Machado Filho, vou encetar uma investigação sobre " Como brincam as crianças mineiras ", estando já em preparação o respectivo questionário.

Como uma das necessidades do nosso ensino consiste na deficiente informação pedagógica, cogito de iniciar imediatamente um serviço de divulgação, que nos porá em contacto com todo o sistema escolar do Estado, e isso será de grande alcance para a coleta de dados para as nossas pesquisas, bem como para o Centro Brasileiro, conforme tive ocasião de salientar ao Prof. Roberto Moreira.

Nessa ordem de idéias, pretende o Sr. Secretário da Educação ~~cometer-nos~~ a elaboração da Revista do Ensino.

Graças ao estreito entendimento, que pretendo manter com o serviço estadual de educação, tudo autoriza a esperar uma atividade proveitosa, numa perfeita consonância com o espírito que orienta e informa o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos em tão boa hora entregue à capacidade e ao civismo de V. Ex^a.

Valho-me do ensejo para expressar a V. Ex^a o meu mais alto apreço.

Belo Horizonte, 30 de agosto de 1956

Mario Casassanta
Mario Casassanta

Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais

Exm^o Sr. Dr. Anisio Teixeira

D. D. Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

Remetente - Centro Regional de Pesquisas Educacionais
Caixa Postal 2444 - BELO HORIZONTE